

A MÚSICA NA NORUEGA NA VIRADA DO SEC. XX

Cândida Borges

A Noruega estava esforçando-se para romper os laços culturais que havia séculos a prenderam à Dinamarca. Os músicos nacionalistas tampouco quiseram saber da Dinamarca. A declaração de Independência musical teria sido assinada pelo genial **Richard NORDRAAK** (1842-1966), se a morte não o levasse tão cedo. Suas poucas obras pianísticas e *lieds* bastaram, porém para inspirar o maior compositor norueguês: **Edvard GRIEG** (1843-1907). Esse homem suave e tímido começou a vida como lutador: contra o mendelssohnismo de Gade. A música norueguesa deveria basear-se exclusivamente no rico folclore musical da nação, mesmo ao preço de causar estranheza ao público europeu, pelos exotismo das harmonias. A realidade foi menos radical que essa reivindicação teórica: Grieg é um schumanniano, sem desprezar de todo as lições de Liszt. Suas peças líricas, para piano, talvez a melhor coisa que escreveu, são mais alemães que escandinavos. Seus numerosos *lieds*, entre os quais há alguns excelentes em número maior de sofríveis, exploram com felicidade a mina do folclore nórdico; mas Grieg preferiu por em música poesias alemães “*et pour cause*”. O apoio generoso de Liszt ao jovem músico norueguês manda supor influência lisztiana no *Concerto para piano e orquestra* (1868); mas não é o caso; é obra schumaniana e, em certos trechos, até mendelssohniana, bem trabalhada, melodias agradavelmente “exóticas”, que, entanto nunca ofendem o senso harmônico ocidental; e em geral uma música alegre, sem aquela melancolia sombria que se costuma atribuir aos escandinavos. Apesar do grande e duradouro sucesso deste Concerto, escreveu Grieg poucas outras obras em sonata-forma: só um *quarteto e sonatas para violino e piano*. Consciente da sua pouca habilidade em construir estruturas maiores, preferiu a peça poética e o *lied*, ou então a forma rapsódica da *suíte*. Não é, naturalmente, a *suíte* no sentido de Couperin e Bach. É a coleção de peças características, inspiradas por obras literárias ou diretamente tirada de obra destinada para o palco. Da sua música de cena para o grande drama simbólico *Peer Gynt*, de Ibsen, tirou Grieg, em 1876, 2 *suítes* que obtiveram o mais absoluto sucesso mundial; é música das mais conhecidas, com lugar permanente no repertório dos concertos sinfônicos e dos concertos de banda ao ar livre, etc. É um pouco menor a

popularidade da Suíte dos tempos de Houberg (1844). Recordação graciosa da época do Rococó da Noruega e da Dinamarca.

O estilo de Grieg estava baseado na tradição romântica alemã de música mas pouco a pouco a consciência nacional desenvolveu dentro dele, juntado com uma necessidade crescente de criar um estilo norueguês típico de música. As amizades dele e discussões com outros noruegueses jovens também avançaram este desenvolvimento. Em Copenhague Grieg tinha se encontrado com Rikard Nordraak (1842-1866), cujo patriotismo alcançou sua expressão mais completa no coral do hino nacional de Noruega.

A popularidade imensa da música de Grieg tem irritado a crítica. Consideram-no hoje como de 3ª categoria. É injusto. A invenção de melodias que sobrevivem ao gosto do dia não é talento dado a qualquer um; e a harmônica nórdica de Grieg é muito interessante, inclusive pelo fato de esses estranhos modos de um povo arquigermânico se parecerem muito com os dos eslavos, dos húngaros e de várias nações de outros continentes. É este o lado problemático do nacionalismo musical.

Se a música de Grieg se afigura popular demais aos críticos, que dizer então de Christian SINDING (1856-1941)? Foi seu herdeiro na estima geral, como compositor nacional da Noruega. Escreveu sinfonias, lieds, e música de câmara sofríveis. Mas a única obra sua que conquistou o mundo é aquele estudo pianístico “Vento de primavera”.

Pelo menos, nos países anglo-saxônico, o lugar de Grieg foi ocupado, com consentimento geral, pelo finlandês **Jan SIBELIUS** (1865-1957); por volta de 1900, uma nova “escola finlandesa” parecia ter possibilidades de conquistar o mundo. Mas a fama de compositores como Palmgren e Kilpinen não atravessou afinal as fronteiras do país. Só Sibelius obteve o sucesso internacional. Foi um músico de formação rigorosamente acadêmica e de instintos anacronicamente românticos. Durante sua longa vida, Sibelius se tornou uma figura nacional; para a maioria das pessoas ele era a Finlândia. Já pelo começo do século ele tinha se tornado o símbolo de autodeterminação nacional e a fama dele penetrou áreas do mundo que teve apenas uma idéia vaga de onde a Finlândia era. A personalidade musical dele é o mais poderoso a ter emergido em quaisquer dos países escandinavos. Embora ele nunca na verdade citou músicas populares na sua música e usou harmonias tradicionais, concentrando em lendas

finlandesas e alio-se com o nacionalismo finlandês, Sibelius tornou-se um herói nacional durante a sua vida.

Suas sinfonias são muito interessantes. Não são dramáticas como as de Tchaicovsky; são antes afrescos musicais, de natureza épica. As *Sinfonia n.º 2 em Ré maior (1902)*, a *Sinfonia n.º 6 em Ré menor (1923)* e a *Sinfonia n.º 7 em Dó maior (1925)* ocupam hoje, inexplicavelmente, lugar ao lado das sinfonias de Brahms. Não se pode desperceber a sólida feitura dessas obras. A esse respeito, também o *Concerto para violino e orquestra (1903)* merece louvores. Mas essa solidez da estrutura está ausente das obras mais divulgadas de Sibelius: da sua música de programa. Os poemas sinfônicos *O cisne de Tuonela, Finlândia, Tapiola* e a *Suíte Karélia* são rapsódias, dedicadas à Natureza sombria da terra do compositor; expressões de um romantismo anacrônico. Há mais um fato que surpreende: uma pequena obra de Sibelius, a bonita *Valse Triste* (tirada da música de cena para o drama *Kuolema*, de Jaernefelt 1903), virou música popular. O inegável interesse folclórico não basta para garantir o futuro da obra de Sibelius.

O sucesso que o mundo anglo-saxônico prodigiu tão generosamente a Sibelius foi negado ao seu contemporâneo e rival dinamarquês **Carl NIELSEN** (1865-1931), embora não fosse inferior. Música logo se tornou a ocupação exclusiva de Carl Nielsen mas ele teve que fazer um breve intervalo como o aprendiz de um dono de mercearia antes do pai dele sugerir que ele se dedicasse aos instrumentos de sopros, que poderiam abrir uma carreira para ele como um músico militar em Odense, e assim foi. Sua *Sinfonia em Lá maior (1913)*, denominada *Expansiva*, e a denominada *O Inextinguível (1917)* mereceriam lugar no território nacional. Bastante conhecido só se tornou o espirituoso *Quinteto para instrumentos de sopro (1922)*.

Bibliografia

- Atlas da História Universal – The Times – Editora Times Books Ltda 1989
- SALAZAR, Síntesis de la Historia de la Musica, editorial Pleamar Tucumán
- CARPEAUX, Uma Nova História da Música – Zahar Editores
- CHASE, Gilbert - The Music of Spain – Dover Publications, Inc

- PAZ, Juan Carlos - Introdução à Música de Nosso Tempo – Editorial Sudamericana
- GROUT, Donald J. e PALISCA, Claude V. – História da Música Ocidental – Editora Gradie 1988

Cândida Borges

www.candidaborges.com

Rio de Janeiro, 08/05/01

*Cândida
Borges*